

PEDRO CALMON

**História do Brasil**  
Século XVI ♦ As origens

**Apresentação**  
Thomas Giulliano



# Sumário

<b>Apresentação — Thomas Giulliano.....</b>	<b>15</b>
---	-----------

## **INTRODUÇÃO**

I. História e verdade .....	29
II. O nosso mundo .....	36
III. Retrato de terra e povo .....	37
IV. Síntese.....	48
V. Este livro .....	56

## **I - O POVO PORTUGUÊS**

Velhas raízes.....	63
Origens históricas .....	64
Ciclos culturais .....	65
Romanos, godos e árabes .....	66
A grande opção .....	66

## **II - A EUROPA, PEQUENA DEMAIS**

Ao mar.....	69
O infante .....	70
O fim da Idade Média.....	71
A nova marinharia .....	72
A caravela.....	73
Doces de além-mar .....	73
O momento universal .....	74
Acertos e erros de D. João II.....	76

## **III - ENTRE A ÍNDIA E A AMÉRICA**

Périplo africano.....	77
Colombo.....	77

Encoberto mundo .....	78
Ulisses, São Brandônio e Dante .....	79
Última Tule .....	80
Acusava-se de negligente .....	80
Viagens ignoradas .....	81
Meridiano diplomático .....	81
O caminho da Índia .....	83
O século áureo .....	85
 <b>IV - A FROTA DE 1500</b>	
Cabral.....	87
Os brasões da armada .....	88
O físico João .....	89
O mistério do mapa-múndi.....	90
Já se procurava... o Brasil.....	91
As instruções.....	92
Ventos reinantes.....	92
Rumo da armada .....	93
 <b>V - O BRASIL</b>	
A afortunada viagem.....	95
Vera Cruz.....	95
 <b>VI - A TERRA DO PAU DE TINGIR</b>	
A boa nova.....	115
Vespúcio .....	116
A serviço de D. Manuel.....	116
Viagem de 1501 .....	117
O cosmógrafo .....	118
Onde reaparece Cabral.....	120
 <b>VII - MERCADORES E AVENTUREIROS</b>	
O “Brasil” concedido... ..	123
Fernando de Loronha.....	124
De Loronha, a viagem de 1503?.....	124

A grande aventura .....	125
<b>VIII - OSCUROS TEMPOS</b>	
O problema do nome .....	127
... e brasileiros .....	128
Patriarcas .....	129
Esquecimento do Brasil.....	130
... e dos poetas.....	131
<b>IX - PORTUGAL MANUELINO</b>	
Os estilos .....	133
O exotismo .....	134
Esplendor.....	135
Mudança de caráter.....	136
Dois reinados .....	137
<b>X - A LUTA PELAS ESPECIARIAS</b>	
Réplica veneziana.....	139
A epopéia da Índia .....	140
Maior que a força humana... ..	141
A nau <i>Bretoa</i> .....	143
Os espanhóis.....	144
<b>XI - DE SOLIS A MAGALHÃES</b>	
Para o Prata.....	145
O segundo contrato .....	145
Prioridade .....	146
Fernão de Magalhães .....	147
Aleixo Garcia .....	147
Pensamento agrícola.....	148
Fim dos contratos.....	148
<b>XII - CORSÁRIOS DE FRANÇA</b>	
Concorrentes do Norte .....	149
A ferro e fogo .....	149

Diogo de Gouveia .....	150
Negociações e combates .....	151
Espanhóis no Prata .....	152
<b>XIII - CAPITANIAS E PATRIARCAS</b>	
Pernambuco .....	155
A idéia das capitanias .....	155
Martim Afonso .....	156
Gente da Cananéia.....	157
A armada de 1530.....	158
O Caramuru .....	159
Rio de Janeiro .....	161
<b>XIV - COLONIZAÇÃO</b>	
Do Rio a Cananéia .....	163
Nos climas do Sul .....	163
João Ramalho .....	164
Duas vilas .....	166
Cana-de-açúcar.....	166
<b>XV - SOLUÇÃO FEUDAL: CAPITANIAS</b>	
Contra o intruso .....	169
Episódio da <i>Pèlerine</i> .....	169
Crise financeira.....	170
Ruína aparente.....	170
A última feitoria.....	172
A volta de Martim Afonso.....	172
<b>XVI - OS DONATÁRIOS</b>	
Partilha .....	175
Degredados .....	176
Duarte Coelho.....	176
Foram poucas.....	177
<b>XVII - DE SÃO VICENTE A OLINDA</b>	
A Guerra do Iguape .....	179

Do litoral ao Paraguai .....	180
A Vila de Santos.....	181
Santo Amaro.....	183
Olinda .....	184
Primeiros açúcares.....	187
Hans Staden .....	188
Capitão e Coroa.....	189

#### **XVIII - DIFÍCEIS COMEÇOS**

Capitania de Itamaracá.....	193
A Bahia.....	194
Capitania dos Ilhéus .....	198
Capitania de Porto Seguro .....	199
Capitania do Espírito Santo .....	203
Capitania de São Tomé .....	206
Capitanias da costa Norte .....	209
Centralização necessária.....	211
Tomé de Sousa .....	212
Força nova: os jesuítas.....	213

#### **XIX - FUNDAÇÃO DA CIDADE**

O regimento do governador .....	215
A grande expedição .....	216
Fortaleza e capital .....	217
O bom trabalho .....	218
O concelho .....	219
Vida urbana .....	221
Recursos e promessas .....	222
Garcia d'Ávila .....	224

#### **XX - IGREJA, FAMÍLIA E COLÉGIO**

As órfãs.....	225
A primeira Sé.....	226
Policiamento da costa.....	226

Meninos de Lisboa.....	228
O bispo.....	229

**XXI - A VIAGEM PROVIDENCIAL DO GOVERNADOR**

A útil inspeção.....	233
Os ilhéus.....	233
Porto Seguro.....	234
Expedição de Espinosa.....	235
Espírito Santo.....	235
São Vicente.....	236
Castelhanos socorridos.....	236
A Bertioga.....	238
Os jesuítas no planalto.....	239
São Paulo.....	240
Afinal no sertão.....	240
Fim de Santo André.....	241

**XXII - O GOVERNO DE D. DUARTE**

O novo capitão.....	243
O báculo e a espada.....	244
Tréguas e guerra.....	245
A morte do bispo.....	246
Índios contra índios.....	247
Franceses na Guanabara.....	248
Villegaignon.....	248

**XXIII - O BOM GOVERNO DE MEM DE SÁ**

Um magistrado.....	251
Senhor novo.....	251
Piedade e justiça.....	252
Começam as aldeias.....	253
Repressão do gentio.....	254
O Sr. De Boulès.....	256
Tomada da ilha.....	257

#### **XXIV - O RIO DE JANEIRO**

Fim do Sr. De Boulès.....	259
Estácio de Sá.....	259
Tamoios coligados.....	260
Expedição de 1565.....	261
A primeira São Sebastião.....	262
A expedição de 1567.....	263
A cidade no seu lugar.....	264
A fortuna do governador.....	266

#### **XXV - PERNAMBUCO DOS ALBUQUERQUES**

Astúcia e energia.....	269
Os filhos do donatário.....	269
O naufrágio.....	271
O episódio do padre mágico.....	271

#### **XXVI - O GOVERNO SERTANISTA DE LUÍS DE BRITO**

Desmembramento.....	275
Antônio de Salema.....	275
Contra os petiguares.....	276
Conquista de Sergipe.....	278
Em busca das esmeraldas.....	279
Rumo de São Francisco.....	281
Os irmãos Sousa.....	282
Os dois poderes.....	282

#### **XXVII - ORIGENS INDÍGENAS DO BRASIL**

Este nosso povo.....	285
O índio.....	285
Unidade inicial.....	286
Populações aborígenes (século XVI).....	287
O São Francisco.....	288
Tapuias.....	289
Influência decisiva.....	291



Costumes sertanejos.....	292
Duas línguas.....	294
A Utopia das aldeias.....	296

#### **XXVIII - O BRAÇO NEGRO**

A escravidão.....	299
Pretos em vez de índios.....	300
Primeiros negros.....	301
O engenho em 1571.....	304
Pró e contra.....	305
Substituição do índio.....	306
Sistema.....	307
Interpenetração.....	307
Raças.....	308

#### **XXIX - O CICLO DO AÇÚCAR**

Fontes ilhoas.....	311
Indústria aristocrática.....	312
O engenho primitivo.....	313
O engenho definitivo.....	313
Economia e regímen.....	315
Variada produção.....	317

#### **XXX - A CULTURA NASCENTE**

Ler e escrever.....	319
Ensino erudito.....	319
O primeiro poeta.....	320
Gabriel Soares.....	322
Gandavo e Cardim.....	322
Cartas jesuíticas.....	323
E sobre esta América... ..	324

#### **XXXI - QUANDO PREVALECEU ESPANHA**

Lourenço da Veiga.....	325
Alcácer-Quebir.....	325

O rei espanhol.....	326
A autonomia intacta.....	328
Adesão da colônia .....	329
Venda simbólica do Brasil .....	330

### **XXXII - A CONQUISTA DA PARAÍBA**

Manuel Teles.....	333
Ainda o Prior do Crato .....	334
A tentativa de Frutuoso Barbosa.....	334
A armada espanhola.....	335
A segunda expedição.....	336
Abertura do comércio platino .....	338
Peruleiros .....	341

### **XXXIII - DE SERGIPE AO RIO GRANDE**

Catástrofe do Rio Real.....	343
Piratas ingleses .....	344
Cristóvão de Barros.....	345
A guerra de Sergipe .....	346
Feliciano Coelho na Paraíba.....	347
Rio Grande do Norte.....	349
Natal.....	351

### **XXXIV - A SANTA INQUISIÇÃO**

D. Francisco de Sousa .....	353
Medo dos judeus .....	353
Manhas do governador .....	355
Conventos e frades.....	355

### **XXXV - A CIDADE PRÓSPERA**

A Bahia.....	357
Rendas públicas .....	359
Bandeira de Gabriel Soares.....	359
Ronda de corsários.....	361
A miragem do ouro.....	363

## XXXVI - O BRASIL DE 1600

Sinais de opulência.....	365
Ilhéus.....	366
Porto Seguro.....	368
Espírito Santo.....	368
Rio de Janeiro.....	370
Santos.....	372
Bandeiras.....	373
Caminho do mato.....	373
Aos sertões.....	374
São Paulo.....	375
Minas de D. Francisco.....	376
Epílogo de um sonho.....	377
O inimigo novo.....	378
Paz com os aimorés.....	380
Um século de colonização.....	381
<b>Índice remissivo.....</b>	<b>383</b>

## APRESENTAÇÃO

# Pedro Calmon não merecia, não merece e não merecerá nunca o desprezo

A sociedade brasileira, como uma paisagem, é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores. Considerá-los na indissociável coesão que os une é fundamental se quisermos compreender o funcionamento da história nacional. Historicamente, não somos órfãos de pais desconhecidos. A continuidade, que não significa indiferença aos dramas herdados, é uma consciência própria do homem. Diante do passado, temos a percepção de nossa individualidade e com a história compreendemos o que os homens foram, fizeram, conseguiram. Se saíssemos da história, tomaríamos no nada. Pensá-la é vê-la no reino do possível.

Desde a invenção da escrita, o registro de experiências humanas informa que recebemos do passado um conjunto de valores, necessidades e crises. Da luz elétrica aos livros de Graciliano Ramos, sem ignorar a falta de saneamento básico pleno e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o passado sempre deixa a sua herança. A História sempre lida com eventos que aconteceram em um tempo. Não é uma manipulação, mas o descobrimento de realidades próprias do passado, enquanto a historiografia, constituída como o campo privilegiado de recolha de materiais humanos, é o estudo das variações dos comportamentos dos homens do passado. Descortinar o passado é exprimir um diálogo explicativo, por meio das fontes históricas, acerca de eventos singulares e não mais existentes. O passado, enquanto conjunto descontínuo de fatos verdadeiros e mutilados, não é um ser, mas um cruzamento de itinerários. Sem a história, vemo-nos privados de falar das origens de que brotamos e que nos sustentam.

A pesquisa historiográfica, diametralmente oposta à ficção, transforma o passado em fenômeno do conhecimento e não se contenta com o interior das coisas, mas apreende, no seu exterior, o significado dado pelo homem. Dotada de um caráter temporalmente transcendente, é um lugar ontológico privilegiado, onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, transportando-se imaginariamente para outro tempo. O ato de explicar a substancialidade do passado não é somente o de unificar ou familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio, ou a realização da condição autoconsciente e livre dos homens, mas é uma apreensão das realidades não dadas que se revela por meio do dado.

Toda pesquisa histórica anda sempre às voltas com a linha difusa entre resgatar a experiência daqueles que viveram os fatos, interpelar seu sentido e reconhecer nessa experiência seu caráter inconcluso. A historiografia examina o ponto do contato da palavra com a realidade concreta do objeto examinado. É um instrumento privilegiado de decifração do mundo. Encontrar o verdadeiro sentido das palavras contidas em um texto é tarefa que se impõe a qualquer historiador que deseja transformar em compreensão histórica o seu estado inicial de incompreensão semântica. Historiar é uma atividade intelectual, composta por tudo o que um historiador pode aprender: leituras e convivências, por idas e vindas entre os documentos, alocação de seus interesses intelectuais, um esforço de imaginação em fazer reviver o tempo estudado. Qualquer historiador, para produzir bons significados sobre um tempo irreversível, precisa de uma atenção constantemente voltada para os múltiplos objetos que exprimem os vestígios esparsos do passado.

O historiador que conhece os eventos apenas em sua ordem cronológica não descortina os indivíduos em meio aos fatos, mesmo que correspondentes à dimensão episódica da narrativa. Esse tipo de erro insere o heterogêneo psíquico em uma homogênea superestrutura psíquica. Enquanto a história é feita de acontecimentos, a historiografia é a tentativa de composição de certas totalidades temporais, extraídas do fluir histórico e firmadas num cálculo cronológico. Não chega a ser historiador aquele que simplesmente trabalha com afincos nos arquivos. Para o historiador, a determinação da veracidade de documentos é uma tarefa preliminar. Deve-se devolver o fato à sua totalidade em busca de uma compreensão da vida humana. A leitura de um documento é como conversar com um ser de papel. Pacientemente, o historiador faz perguntas que possibilitam a reflexão sobre as diferenças entre a realidade, o perceber e o imaginar da essência analisada. Seu pensamento reflexivo pertence, antes de tudo, às categorias do pensamento comparativo, no qual, cada fonte histórica, com seus diferentes tipos, representa um universo aberto onde o seu intérprete pode descobrir infinitas interconexões. No presente e no passado, ser historiador sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes. A alma dessa compreensão é forjada na luta que o pensamento conceptual do historiador estabelece contra o drama da palavra. Ao fazer mais que acatar o critério da evidência aparentemente imediata, o historiador percebe que em cada documento de uma mesma temporalidade há diferentes vozes.

Evitar conclusões apressadas ou rígidas é uma condição essencial para não transformar a especificidade do fato histórico em um acontecimento indistinto. As motivações morais implicadas nos fatos analisados podem ajudar a compreender a história, mas não são os objetos da explicação histórica. Há diferenças entre a história como fato e o registro escrito dos fatos. Fundada na diversidade dos homens e tempos históricos, a história não é um conhecimento de intenções, mas dos fatos livres realmente executados. O bom historiador não é um mero colecionador, mas um operário da verdade pretérita. Seus pensamentos e aspirações se dirigem à construção humana sobre a reflexão, sobre o saber. A história se dirige ao conhecimento da ação humana. A transformação desse depósito de múltiplas matérias-primas individuais em uma estrutura lógica é um dos ofícios dos historiadores. Descobrir realidades próprias do

passado, constituídas enquanto resultados das decisões dos homens concretos, requer esforço. Enquanto homens, somos hóspedes de um momento da história.

A história integra a existência humana através de uma reunião de passados, individuais ou coletivos. O fato histórico é a ação humana realizada singularmente no tempo. Por mais ampla que seja a causa histórica, a sua recepção é sempre individual. Como escreveu Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Originalmente, o sujeito da história é o indivíduo, que, por sua essência *sociãlis*, engaja-se em totalidades coletivas detentoras de vínculos que aproximam os homens na realização de projetos de vida. Do trabalho corporativo à família, exemplos não faltam para enfatizar que o vínculo social permeia a história. Inescapavelmente, tupinambá ou esquimó, o homem nasce no seio de uma sociedade e faz sua vida em seu meio. Do mais remoto núcleo familiar ao mais abrangente tema global, é sempre inimaginável um fato histórico que não seja também social. Evidenciar a especificidade humana em nada invalida a certeza de que o indivíduo é meio e instrumento da história.

A verdade existe, inclusive nesses tempos em que o rigor intelectual passa longe de ser difundido. Afirmar a sua existência é uma condição para o desenvolvimento de qualquer pesquisa historiográfica. A questão da verdade na história é capital. Se não há certeza, não há verdade; nem o mínimo de coesão social. Fora da verdade, nada pode ser verdadeiro. Abandoná-la leva ao nada. Se cada um tem a sua verdade, por que não posso afirmar que Machado de Assis foi um hipopótamo membro da Al-Qaeda?

O que perguntei é incognoscível porque desarticula a consciência natural do mundo fenomênico e a ordem do conhecimento. Na nossa consciência, ordenamos e elaboramos o material sensível em relação às formas *a priori* da intuição e do entendimento. A nossa convicção da realidade de que Machado de Assis não era um hipopótamo é o resultado da soma de um raciocínio lógico com a vivência imediata numa experiência da realidade. O conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto; e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objeto. Nem tudo é questão de ponto de vista. Na história, há divisão entre os objetos reais e ideais; é real tudo o que nos é dado pela experiência histórica. Para o realista, o verdadeiro existe fora e independentemente da nossa consciência, enquanto para o idealista o verdadeiro não existe pura e simplesmente, mas necessita ser concebido.

Na generalidade nada mais representativo do que a cegueira. A impossibilidade de esgotamento da verdade é tomada como prova de sua inexistência, e a subordinação dela à vontade para tirar a limpo convenções entendidas como arbitrárias é confundida com negação da unidade entre o pensamento subjetivo e o objetivo. Nessa babel, impregnada de idealismo lingüístico, além dos problemas hermenêuticos, deve-se levar em conta as conseqüências dessa predisposição para se multiplicar uma importância pessoal. Esse idealismo reduz o ser das coisas percebidas e distingue o dado da percepção e a própria percepção. Suprimida a realidade aparente, sustenta a tese de que não há coisas reais, independentes da consciência.

Sucessão e dimensão episódica indicam a ordem dos acontecimentos; totalidade temporal e seqüências de enunciados indicam a ordem do discurso. O passado pos-